

ESTÓRIAS DA JÂNGAL



A ENTRADA DE MOWGLI NA ALCATÉIA

Eram 7 horas da noite na floresta de Seeonee quando Pai Lobo acordou depois de longo sono neste dia quente. Estava preparando para sair para a caça, quando na entrada da caverna apareceu um vulto - era o chacal Tabaqui, desprezado por todos os animais, mas também temido por seus ataques de loucura.

Tabaqui veio, visando encontrar restos de comida, porque como sozinho não caçava, satisfazia-se com restos deixados por outros animais.

Pai Lobo deixou que ele entrasse e mostrou-lhe os restos de ossos num canto da caverna.

Tabaqui comeu e contou as últimas novidades. Diz que Sheri-Khan, o tigre manco, resolveu vir caçar nestas paragens e que os homens da aldeia vinham atrás dele. Pai Lobo ficou indignado, dizendo que ele não tinha direito de fazer isso, que de acordo com a Lei da Jângal o tigre era obrigado a avisar previamente que ia mudar seu campo de caça, porque a presença dele assustava e dificultava a caça dos lobos, especialmente agora quando eles estavam com ninhadas de filhotes pequenos para alimentar.

Logo em seguida ouviu-se um bufo colérico do tigre, que demonstrava que errou o bote. E errou mesmo, caindo com as patas numa fogueira. Mas não eram os bezerros que Sheri-Khan estava caçando, diz Tabaqui, mas um filhote de homem; com a chegada de Sheri-Khan, os lenhadores que estavam em volta da fogueira dispersaram-se e ficou um filhote de homem e Sheri-Khan achou que esta seria uma ótima refeição para ele. Mas o filhote de homem conseguiu fugir. Ouvindo a estória, a indignação do Pai Lobo aumentou ainda mais, porque uma das Leis da Jângal não permite que se mate homens, exceto em defesa própria ou quando estes estão ensinando seus filhos a matar animais. Essa Lei tem sua razão de ser, porque sempre no lugar de um homem morto aparecem muitos outros e então a floresta toda sofre. Mas também os animais dizem que não se deve caçar o homem porque ele é a criatura mais fraca e indefesa na floresta.

Daqui a pouco ouviu-se o rosnar furioso do tigre bem mais perto e Pai Lobo saiu para ver o que acontecia. Era Sheri-Khan que uivava, porque além de ter errado o bote, caiu na fogueira e queimou as patas. Além do uivo

do tigre, ouviu Pai Lobo um barulho entre as folhagens e apareceu uma criatura humana - um menino nuzinho, apoiando-se num galho seco. Pai Lobo acostumado a lidar com seus filhotes, pegou com cuidado o menino e depositou-o junto a Mãe Loba, Raksha. Esta acolheu o menino com todo o carinho e ele aconchegou-se pertinho para se aquecer. Neste exato momento escureceu dentro da caverna, porque na abertura apareceu a cabeça de Sheri-Khan: "Quero a minha caça; este filhote de homem é meu!" uivou Sheri-Khan. Mas os lobos não se assustaram demais porque sabiam que a entrada da caverna era pequena demais para que Sheri-Khan pudesse passar. E o Pai Lobo respondeu: "Os lobos são um povo livre e não recebem ordens de ninguém, além do seu chefe; o filhote de homem procurou abrigo entre nós e aqui vai ficar seguro." E a Mãe Loba Raksha confirmou dizendo: "O filhote de homem é nosso; viverá e correrá pelos campos e caçará com os nossos filhos. Vai-te embora, ó Lungri" - assim a mãe de Sheri-Khan o chamou por ele ter nascido manco de uma pata. O tigre furioso, vendo que por enquanto nada ganharia, afastou-se ameaçando levar o direito sobre o menino a Alcatéia de Lobos. E foi-se embora seguido de Tabaqui.

Depois da retirada de Sheri-Khan, Pai Lobo teve uma conversa com Rasksha e decidiram que Mowgli, que na linguagem dos lobos significa rã, porque assim Rasksha apelidou o menino por ter ele pele lisa como a de uma pequena rã, ia criar-se junto com os filhotes da alcatéia dos lobos. A Lei da Jângal diz que os filhotes desmamados são levados ao Conselho, reunido durante uma noite de lua cheia, lá então são apresentados a toda a alcatéia. Depois de serem apresentados, começam a viver livres e, até que caçam o seu primeiro gamo, nenhum lobo adulto pode lhes fazer mal.

Finalmente chegou a noite de lua cheia e o Pai Lobo e a Mãe Loba levaram seus filhotes e junto com eles o Mowgli para a Roca do Conselho. Lá sentado em cima da pedra alta estava o Akelá, o velho Lobo Solitário que há alguns anos estava dirigindo a alcatéia, respeitado por sua força e astúcia.

Houve pouca discussão na assembléia, um por um os novos filhotes estavam sendo levados a frente do Akelá e este dizia: "Vós conheceis a lei! Olhai bem o Lobo, olhai bem".

Assim finalmente chegou a vez de Mowgli - o Pai Lobo empurrou-o para o centro do círculo. O Akelá, sem olhar, repetiu: "Olhai bem o Lobo". Quando de repente ouviu-se a voz do tigre: "Este filhote é meu! Que tem um povo livre com filhote de homem?".

Alguns dos lobos acharam justa a pergunta do tigre, afirmando que o filhote de homem não tem nada a ver com a vida da alcatéia. Surgiu um pequeno tumulto. Nos casos de dúvida, manda a velha Lei da Jângal que para alguém ter direito a ser admitido na alcatéia, tem que ter dois votos em seu favor. Então o Akelá perguntou: "Quem se apresenta para defender este filhote?". Não houve resposta e Mãe Loba já se preparava para a luta de morte, caso o incidente fosse resolvido contrário ao que seu coração pedia.

Um único animal não lobo tem direito a tomar palavra no Conselho dos Lobos: Baloo, um velho urso que ensinava os pequenos lobos as Leis da Jângal. De repente ouviu-se a voz de Baloo:

- Eu sou a favor do filhote de homem, não vejo mal nenhum que ele possa causar, permanecendo entre nós. Baloo lhe ensinará as leis de nossa vida e futuramente ele poderá ser de grande utilidade para nós.

Mas faltava mais uma voz a favor de Mowgli. Uma grande sombra preta atravessou a círculo, era a pantera negra, a Bagueera. Todos a conheciam e todos se afastavam sempre do seu caminho por medo e respeito à sua força. "Akelá, direito eu não tenho de falar neste Conselho - diz Bagueera - mas a Lei da Jângal diz que se há dúvida quanto à vida de um filhote, esta vida pode ser comprada por um certo preço. Pois então eu ofereço este preço pela vida do filhote de homem".

- Fala Bagueera! - gritaram os lobos.

E a Bagueera assim prosseguiu:

- É uma vergonha matar um indefeso filhote de homem que mais tarde, como falou Baloo, pode ser de grande utilidade para nós todos. Ofereço pela vida dele um touro gordo que acabo de matar a uma milha daqui! Aceitais a minha proposta?

Houve um clamor de vozes e todos aceitaram a oferta de Bagueera, e dirigiram-se para onde estava o touro gordo. Ficou só o Sheri-Khan urrando de raiva e despeito. "Urra, urra - rosnou entre os dentes a Bagueera - urra que o tempo virá em que esta coisinha pequena te fará urrar noutro tom."

Assim o pequeno Mowgli foi aceito na alcatéia, onde cresceu, aprendeu as Leis da Jângal junto com os pequenos lobos sob os cuidados de Rasksha e Baloo.

AS CAÇADAS DE KAA

E assim começou uma vida interessante para Mowgli, aprendendo com o velho urso Baloo tudo sobre a vida na Jângal.

Baloo estava encantado com o menino que não se satisfazia somente com o que dizia a respeito da vida na alcatéia, como faziam os lobinhos que logo quando sabiam repetir os versos da Caçada - pés que não fazem barulho, ouvidos que apanham a voz dos ventos ainda em suas cavernas, olhos que enxergam no escuro e dentes brancos que constituem a marca de todos os nossos irmãos, exceto Tabaqui, a hiena que odiamos. Mas Mowgli como filhote de homem queria aprender muito mais.

Os ensinamentos de Baloo tornavam-se cada vez mais cansativos e quando ele ficava desatento levava uns tapas de Baloo - com grande indignação da pantera que sempre procurava defendê-lo.

E assim ele aprendeu a identificar-se entre o povo caçador dizendo "Somos do mesmo sangue tu e eu". Aprendeu as senhas do povo das serpentes e outros animais e em consequência disso estava a salvo de todos os acidentes da Jângal.

Aprendeu também o grito do Caçador Intruso, que tinha que ser repetido até que viesse resposta, porque nenhum animal da Jângal gosta de ser perturbado ou obrigado a fugir com o aparecimento de intrusos. Esse grito era Licença para caçar aqui por fome e não por prazer.

E Mowgli brincava, gabando-se que podia conduzir sua própria tribo através das trilhas da Jângal, pulando de árvore em árvore.

Mas Baloo não gostava disso, dizendo que só os Bandarlog's (os macacos), povo sem lei e sem vergonha, gostavam disso, e quis saber como Mowgli entrou em contato com os Bandarlog's.

- Foi - disse Mowgli - foi mesmo quando você me deu um tapa forte na cabeça que os macacos me carregaram para o lado de uma árvore, me deram castanhas e outras coisas gostosas, brincaram comigo dizendo que são meus irmãos porque andam nos dois pés como eu e pediram para que eu voltasse de novo para brincar com eles.

- Ouve, filhote de homem - urrou o urso zangado - não foi para isso que te ensinei a Lei da Jângal, no que diz respeito a todos os animais.

Mas não os macacos, esse povo sujo, que vive sem lei, sem chefe e que não faz nada na vida! O povo da Jângal banuiu seu nome no seu pensamento. Lembra-se que o povo dos macacos não existe para o povo da Jângal.

Tudo isso que Baloo falou sobre os macacos era verdade, eles nunca chegaram a ter um chefe, ninguém lhes prestava atenção, nunca fizeram nada na vida com uma finalidade, sempre começaram a fazer as coisas e as abandonaram sem acabar o que se prometeram fazer.

Os Bandarlog's ouviram, do alto das árvores, tudo que Baloo falou a seu respeito e ficaram furiosos. E um deles teve a idéia que Mowgli poderia ser de grande utilidade para eles, porque ele sabia tecer esteiras de vime que poderia protegê-los do vento. E começaram a seguir Baloo e Mowgli com a idéia de raptá-lo.

E foi na hora de uma sesta quando Baloo estava dormindo com Mowgli apoiado no corpo dele, que eles desceram das árvores e agarraram o menino pelos braços e pernas e sumiram com ele entre os galhos das árvores.

Os Bandarlog's gritaram de contentamento: "Baloo e Bagueera nos viram, todo o povo da Jângal nos admira por nossa astúcia e habilidade".

Mowgli no princípio ficou encantado com a brincadeira, mas depois lembrando-se do que o velho Baloo falou, ficou com medo de que os Bandarlog's ficassem cansados e deixassem-no cair lá de cima. Mas os Bandarlog's foram levando-o cada vez mais longe de Baloo e Bagueera.

Nesse meio termo Baloo e Bagueera ficaram desesperados sem saber o que fazer e para onde se dirigir. Baloo cheio de remorso que talvez não tivesse prevenido Mowgli o bastante contra os Bandarlog's.

Num certo momento, Baloo lembrou-se de que Hathi, o elefante selvagem, costumava dizer: "cada qual tem seu medo". E os Bandarlog's têm medo de Kaa, a serpente, que pode subir alto nas árvores de noite e furtar filhotes de macacos. O nome de Kaa gela os macacos de terror, com medo da força de seus músculos.

E assim resolveram ir à procura de Kaa.

Neste tempo, Mowgli estava pensando como avisar Baloo para onde ele estava sendo levado. De repente ouviu um barulho de asas acima de sua cabeça - era Chil, o abutre, e Mowgli gritou alto para ele: "Somos do mesmo sangue tu e eu". Marca a direção em que os macacos estão me levando e avisa Baloo e Bagueera". "Em nome de quem?" - gritou Chil. "Em nome de Mowgli

ou filhote de homem como muitos me chamam".

E assim Chil continuou observando a direção e levou a informação a Baloo, que junto com Bagueera puseram-se a caminho para encontrar Kaa, que costuma ficar perto da sua moradia na Grande Rocha.

Encontraram esta estirada no sol logo depois de ter mudado a pele.

"Boa caçada para todos" disse Baloo. "Boa caçada" respondeu Kaa. "Um de nós com certeza está com fome, sabeis por acaso de uma presa ao alcance?"

"Estamos caçando - disse Baloo - e sabemos onde encontrar um cabrito gordo. Se quiseres podemos te mostrar. Encontramos no caminho um bando de Bandarlog's que diziam os piores nomes sobre você, chamando-a de minhoca amarela sem pés."

Kaa ficou furiosa e pronta para seguir com Baloo e Bagueera. Estes contaram a ela que os Bandarlog's levaram à força o filhote de homem e podem até matá-lo. Para despertar ainda mais o orgulho de Kaa, Baloo disse: "De todo o povo da Jângal só de você, ó grande Kaa, que os Bandarlog's têm medo. Através do Chil nós sabemos a direção para onde levaram Mowgli, eles foram para as Tocas Frias da Cidade Perdida. Pedi a Mango, o morcego, para tomar conta dos movimentos deles durante a noite."

E assim os três, Kaa, Baloo e Bagueera dirigiram-se para a Cidade Perdida, que encontra-se a uma distância de 6 horas de uma boa corrida. Como Baloo não podia movimentar-se tão depressa como Kaa e Bagueera, ficou resolvido que cada um seguiria separado e encontrariam-se nas Tocas Frias.

Os macacos, uma vez chegando na Cidade Perdida, tornaram-se descautelosos, sem nenhum pensamento sobre os amigos de Mowgli. Chamavam a Cidade Perdida de sua cidade onde brincavam e lutavam entre si. Mandaram Mowgli tecer esteiras mas logo cansaram-se de aprender e puseram-se a brincar.

Mowgli cada vez mais esfomeado e colérico procurava desferir de vez em quando o grito de Caçador Forasteiro, mas inutilmente. Ninguém respondia.

Pensou esperar escurecer para poder fugir. Nesse tempo, Bagueera e Kaa estavam escondidas nos fossos que cercavam a Cidade Perdida. Mas, como sabiam como podem ser perigosos os macacos em grande número, esperavam o momento oportuno para atacar.

Kaa resolveu atacar pelo lado do mato, aproveitando-se de um declive do terreno e Bagueera resolveu esperar que uma nuvem cobrisse a lua para penetrar no terreno.

De súbito, Mowgli com surpresa via a Bagueera pular no centro do terreno, atirando-se contra os Bandarlog's. Mas esses não se assustaram: "É um só inimigo! Matem-no! Matem-no!"

O bando inteiro investiu contra Bagueera, enquanto alguns pegaram Mowgli jogando-o dentro de um poço cheio de cobras pequenas. "Somos do mesmo sangue tu e eu", gritou Mowgli, dando assim a palavra senha das serpentes. "Sss! Sss! Não se mova irmãozinho, que teus pés poderão nos fazer mal", sussuraram as serpentes. Mowgli permaneceu imóvel, espiando através de uma abertura o que acontecia lá fora. Vendo que Bagueera não podia lutar sozinha contra todos os macacos, aconselhou-a a entrar dentro de um tanque com água. Bagueera seguiu o conselho de Mowgli, mas também no mesmo momento apareceu no campo de batalha o Baloo, e a Kaa avançava sequiosa de sangue. Seu primeiro golpe foi desferido em cheio na massa dos macacos que cercavam Baloo. Os macacos vendo Kaa debandaram aos gritos: "Kaa, Kaa, salve-se quem puder".

Kaa abriu a boca e pronunciou um silvo agudo, os macacos detiveram-se estarecidos.

Bagueera saiu do tanque, tanto ela como Baloo estavam cheios de feridas. E o problema maior era agora tirar Mowgli do poço. Kaa examinou cuidadosamente as paredes e, afastando a cabeça, desferiu um golpe contra o muro de pedra, que logo cedeu e Mowgli pode sair.

A primeira coisa que fez foi agradecer a Kaa por lhe ter salvo a vida, dizendo: "somos do mesmo sangue tu e eu. Devo a ti a minha vida e doravante minha caça será sua se quiseres".

"Bem dito" - rosnou Baloo, entusiasmado com seu aluno. E a serpente disse: "Coração bravo e língua cortês, isto te levará longe na Jângal, homenzinho. Agora segue teus amigos, porque o que vai acontecer aqui não deve ser visto por teus olhos".

Kaa dirigiu-se agora para os Bandarlog's perguntando se eles poderiam vê-la e estes responderam que sim. Kaa enroloou-se em três voltas e, levantando a cabeça, fixou o olhar nos Bandarlog's e perguntou: "Bandarlog's, podeis mover uma só pata que seja sem minha ordem? Respondei!". "Não, Kaa. Sem ordem sua não podemos mover nem pés, nem mãos" - responderam os Bandarlog's.

Kaa então ordenou: "Cheguem mais perto... mais perto... mais... mais..."

E a linha dos macacos foi se aproximando cada vez mais.

Mowgli sentado no pescoço de Bagueera deu sinal de partida e se afastaram rapidamente.

- Ufa! - exclamou Baloo - Não gostaria de estar no lugar dos macacos, pois eles vão desaparecer um por um dentro da garganta de Kaa.

- Vê Mowgli a que levou sua desobediência? Tanto Bagueera como eu estamos bastante machucados e não sei como acabaria a estória se não fosse a ajuda de Kaa. Você merece um bom castigo, mas vejo que você está bem arrependido e alguns tapas resolverão o assunto". Dizendo isso, Baloo deu uns tapinhas em Mowgli, que admitiu-se dizendo que merecia e que nunca mais vai desobedecer os seus ensinamentos.

TIGRE - TIGRE

Depois de muito ouvir Sheri-Khan e do próprio povo livre, na Roca do Conselho, dez estações depois de sua primeira apresentação na mesma Roca, Mowgli ergue-se de pé, segurando na mão uma vasilha de Flor Vermelha - nome dado ao fogo - estendeu os braços e magoado gritou:

- Ouvi! BASTA DE DISCUSSÃO DE CACHORRO! Muito já me disseram esta noite para provar que sou homem, a mim que desejava ser lobo toda vida, de modo que estou convencido de que sou homem!

Com isso Mowgli derramou as brasas no chão, ateando em chamas um tufo de ervas secas. Todos os lobos recuaram atemorizados e o filhote de homem continuou berrando:

- Vou-me para minha gente. A Jângal estará fechada para mim. Serei, porém, mais generoso com vocês, porque fui durante dez anos irmão de vocês em tudo menos no sangue. Prometo que, quando me tornar um homem entre os homens não trairei vocês perante eles, como vocês fizeram comigo.

Mowgli ainda prometeu que na próxima reunião que viesse na Roca do Conselho, traria a pele do comedor de bezerros - Sheri-Khan, sobre a cabeça dele. E também declarou que ninguém mataria Akelá, que mesmo considerado um lobo morto, porque havia perdido o bote, ninguém o mataria, porque ele não queria.

Vieram soluços de desespero e grossas lágrimas brotavam de seus olhos.

Sem entender o que se passava, pois não queria mas sentiu que tinha de deixar a Jângal, Mowgli chorou. Chorou pela primeira vez em toda a sua vidinha. "Você já é homem e não um filhote de homem" - disse Bagueera mansamente.

Despedindo-se de sua Mãe Loba, na gruta, Mowgli deixou as Montanhas de Seeonee e, sozinho, rumou, à aldeia onde moravam as estranhas criaturas chamadas homens.

Ao ver o primeiro homem, apontou para a boca aberta, significando que tinha fome. Este homem chamou o sacerdote e muitos outros homens que se espantaram com o menino nu, com cicatrizes de mordeduras nos membros. Após alguns comentários, o sacerdote com solenidade disse a

Messua, esposa do lavrador mais rico da região, que levasse o menino para casa dela, visto que ela tinha perdido um filho pequeno na Jângal.

A mulher conduziu-o até a cabana onde havia muitas coisas e, dando-lhe leite e pão, chamou-o de Nathoo, porém Mowgli não deu mostra de conhecer tal nome. Cheia de mágoa, Messua disse-lhe que se parecia bastante com seu filho, e ele ficaria sendo seu filho.

Mowgli não se sentia à vontade, por nunca ter-se visto dentro de uma cabana, mas sossegou-se vendo o teto por onde poderia fugir se lhe desse vontade. Mowgli também se sentia estúpido sem entender a língua dos homens, porém isto não era difícil de aprender para alguém que já sabia imitar tantas outras linguagens. Com isto começou a imitar tudo que Messua falava, tendo assim aprendido nesse mesmo dia o nome de muitas coisas.

Quando trancaram a porta para que Mowgli dormisse na cama, ele fugiu pela janela, pois estava acostumado a dormir assim. Foi esticar-se na relva macia do campo vizinho, para dormir à lei da natureza. Antes que seus olhos fechassem, um focinho amigo veio farejá-lo. Era o lobo Gris - filhote mais moço da Mãe Loba - que lhe trazia notícias da Jângal.

Mowgli não se assustou com o juramento de Sheri-Khan, uma vez que ele também prometeu que o mataria. Depois de prometido que nunca esqueceria os irmãos da gruta, pediu que o Gris trouxesse notícias.

Passaram-se três meses e Mowgli andava muito ocupado em aprender os usos e costumes dos homens. Teve que acostumar-se a usar panos em cima do corpo, que lhe incomodava muito, a empregar o dinheiro e usar o arado, que lhe era inútil. Os demais garotos o punham furioso, felizmente a Lei da Jângal lhe ensinara a dominar-se. Mowgli desconhecia a sua própria força. Na Jângal sentia-se fraco em comparação com os animais selvagens, na aldeia os homens o consideravam forte qual um touro. Tão pouco nada conhecia a respeito das castas. Tratava todos com igualdade, o que não agradava a alguns, como o sacerdote.

Buldeo, o velho caçador, esposo de Messua, contava mil histórias e acreditava que o tigre que raptara seu filho era um tigre fantasma, cujo corpo servia de morada de um oleiro, falecido anos antes e que também mancava de uma perna. Quando ouviu isso, Mowgli, que sempre agüentava muitas histórias sobre deuses e duendes contadas pelos velhos, refutou a idéia de Buldeo. Explicou-lhe, como aos mais velhos, que o tigre mancava porque nascera aleijado, como todos lá sabem. Supor que a alma de um oleiro habita

o corpo de um tigre que jamais teve a coragem de um chacal é infantilidade.

Mowgli foi repreendido por meter a colher torta na conversa dos mais velhos. E, por isso, mandaram-nos pastorear os bois e os búfalos, o que não lhe era difícil. Logo Mowgli disse a um companheiro de pastoreio que tomasse conta dos bois, que ele sozinho guardaria os búfalos.

Como os búfalos gostam de pontos pantanosos, para se refrescarem do calor, Mowgli levou-os ao extremo da planície, lá onde o rio Wiagunga sai da floresta. Saltou do pescoço de Rama, o touro do rebanho, e correu ao local onde marcara com o irmão Gris.

Lobo Gris, que já o esperara tantas vezes neste lugar, lhe informou que Sheri-Khan já estava de volta e à espera de Mowgli para matá-lo. Só que agora se afastou um pouco à procura de caça, mas voltaria. Mowgli não se incomodou, traçou um plano para saber da volta do tigre e em seguida escolheu um lugar à sombra onde deitou a dormir enquanto os búfalos pastavam.

Dias seguidos Mowgli levou seus búfalos ao campo e dias seguidos avistou o lobo Gris no ponto combinado, sabendo que Sheri-Khan não estava de volta. Por fim chegou o dia em que não o avistou no lugar de sempre. Sorriu e seguiu com seus búfalos rumo à árvore grande, conforme planejado. Encontrando o irmão lobo quieto e arrepiado, só ficando preocupado com Tabaqui, que é muito astucioso. Porém lobo Gris falou-lhe:

- Nada receie de Tabaqui. Antes de quebrar-lhe a espinha, eu o fiz contar-me tudo. Sheri-Khan pretende te tocar esta tarde, às portas da aldeia. Ele não está em jejum, matou um porco e bebeu no rio. Agora deve estar oculto na grande ravina seca do Waigunga, para onde foi a nado.

- Louco! Louco! Que infantil que é! - falou Mowgli. Comeu e bebeu e pensa que o inimigo vai esperar até que ele venha!

Mowgli começou a traçar o plano quando irmão Gris disse que não seria capaz de conduzir a metade dos búfalos. Porém trouxe um auxiliar. Surgiu então uma cabeça muito conhecida que encheu o espaço com a repercussão do mais desolador grito da Jângal - o grito de caça do lobo. Era Akelá!

Maravilhado porque sabia que Akelá nunca o esqueceria, dividiram a manada, separando os touros e os garrotes das fêmeas com sua prole.

Mowgli, do pescoço de Rama, falou para Akelá ir com os machos para a

esquerda e para o irmãozinho Gris ir com as fêmeas ocupar outro lado da ravina, ficando num ponto onde os barrancos eram bem altos e íngremes.

Akelá e o lobinho levaram os búfalos para o local combinado e Mowgli, que conhecia o linguajar dos búfalos, berrou para o Akelá deixar que os machos sentissem a catinga do tigre. Em seguida levou ambas as mãos à boca e gritou - um verdadeiro grito dado num túnel - e o eco multiplicou-se. Sheri-Khan, despertando, urrou querendo saber quem o chamava e obteve a resposta: "Eu, Mowgli. Chegou o teu dia, comedor de bezerros! Vamos Akelá! Avança! Ataca Rama! Ataca!

Uma vez na disparada, coisa nenhuma os poderia deter. Haviam-se transformado em furacão. Logo Rama farejou o ar, no qual sentiu bem viva a catinga do tigre e ficou furioso. Sheri-Khan ouviu o tropel e ergueu-se, pondo-se em marcha à procura de um ponto favorável onde pudesse galgar o barranco que era muito íngreme para ele que estava pesado da digestão e sem disposição para lutar. A torrente de búfalos breve alcançou o brejo onde ele estivera deitado, e todos rugiram coléricos. Quando Sheri-Khan ouviu a resposta das fêmeas do outro lado da ravina, parou e voltou. Compreendera tudo e preferiu enfrentar os touros da retaguarda que às fêmeas à frente. Era tarde! Rama atirou-se contra ele e o pisoteou, furioso, seguido de todos os que estavam perto.

Logo Mowgli, Akelá e o lobo Gris se preocuparam em dispersar os búfalos antes que se ferissem uns aos outros. Terminado isso, sacando a faca que aprendera a trazer na cintura, Mowgli começou a tirar o pelo do tigre e disse:

- Foi morte de cachorro, irmãos. Nem sequer lutou. Sua pele será apresentada na Roca do Conselho.

Em dado momento apareceu Buldeo com sua carabina na mão. Espantou-se em ver Mowgli arrancar a pele do tigre, e do tigre manco, aquele que o Rei pagaria 100 rúbias para quem o matasse. Buldeo, que já pretendia queimar os bigodes do tigre, por causa de uma crença, foi proibido por Mowgli. Ofendido e sem acreditar que o pedacinho de gente pudesse ter o topete de tirar tal pele viu-se subitamente no chão com o Akelá sobre si, depois de um pedido de Mowgli, que sem voltar o rosto, prosseguia no escorchamento.

Aterrorizado Buldeo clama por perdão e Mowgli o manda ir em paz e diz ao Akelá que o solte. Prosseguiu o trabalho como se nada tivesse

acontecido. Terminado, escondeu a pele e pediu ajuda aos lobos para ajuntarem os búfalos dispersos e o ajudar na volta à aldeia. Lá chegando, foi recebido com pedras e tiros, pois todos ouviram o que Buldeo contara, acreditaram que ele era feiticeiro. Akelá, sentando-se calmamente sobre as patas, disse que eles não eram muito diferentes dos da alcatéia, pois o estavam expulsando.

- Outra vez? - exclamou Mowgli. Da primeira vez insultaram-me de homem, agora insultam-me de lobo. Vamo-nos daqui, Akelá. E virando-se para Messua que corria em sua direção, disse-lhe: "Volta atrás, vinguei teu filho é certo. Volta depressa porque vou arremessar contra essa macacada os meus búfalos. Não sou feiticeiro nenhum. Crê, adeus!"

O búfalos estavam ansiosos por entrar e não foi preciso que Akelá fizesse muito. Mowgli berrou aos homens que deveriam agradecer Messua, que só por amar a ela, ele, Mowgli, deixaria de invadir a aldeia com seus lobos para caçá-los todos na rua.

Depois do desabafo, olhava as estrelas e sentiu-se imensamente feliz. Não teria mais necessidade de morar em mundéus, pois agora ele novamente tem as estrelas como teto.

Quando a lua já descia, os dois lobos já alcançaram a Roca do Conselho. O menino dirigiu-se à caverna da Mãe Loba dizendo-lhe que havia sido expulso da alcatéia dos homens. Bagueera de um salto juntou-se aos lobos e rumaram à Roca do Conselho, onde Mowgli abriu a pele do tigre sobre a pedra chata onde Akelá costumava sentar-se e fez o Lobo Solitário desferir o grito de convocação do Conselho: "Olhai bem, ó lobos!!" - Exatamente como no dia de sua apresentação.

Mowgli improvisou um canto sem rimas, que brotou espontaneamente de sua boca, à medida que dançavam sobre a pele do inimigo, enquanto Akelá marcava o compasso com uivos à lua.

- Olhai ó lobos. Cumpri minha palavra ou não?

Todos responderam que sim, e um deles avançou e pediu que Akelá os chefiasse, pois estavam fartos desta vida desregrada e queriam voltar a ser de novo o povo livre de outrora.

- Chefia-nos tu também, filhote de homem!

- A alcatéia dos lobos e a alcatéia dos homens expulsaram-me de seu grêmio - disse Mowgli. Doravante caçarei sozinho na Jângal.

E foi assim que Mowgli passou a viver solitário, em companhia apenas

dos quatro lobinhos e da Mãe Loba.

A EMBRIAGUEZ DA PRIMAVERA

Foi dois anos após a morte de Akelá, na luta dos dohles. Mowgli já tinha completado 17 anos, mas parecia mais velho por causa dos exercícios e da forte alimentação. O povo da Jângal o temia pela sua astúcia e pela sua força. Mas havia algo estranho em sua aparência. Era a expressão dos olhos dele que nunca mudava. Podia ser alegre ou enfurecido, estar lutando ou caçando, seus olhos jamais mudavam. Foi Bagueera que lhe chamou atenção para o fato e mesmo quando Mowgli olhou direto nos olhos de Bagueera ela baixou a cabeça. Mowgli dominava-a, como dominava a maioria dos animais da Jângal.

Um dia estavam os dois deitados na encosta de um morro, era final do inverno e tudo na atmosfera parecia acordar de um sono profundo.

- Tudo começa a mudar - disse Bagueera - é o tempo das Falas Novas que está chegando...

- Mas que há com você, Bagueera? Será que não há em vista nenhuma caça em movimento? Que canto é esse que estamos ouvindo? Já sei, este é o tempo quando tu e os outros vão comer deixando-me sozinho de novo. Não é assim todos os anos? - queixou-se Mowgli - Vocês todos me abandonaram e eu, Senhor da Jângal, tenho que viver sozinho. Você se lembra que no ano passado, na primavera, chamei Hati, o elefante, para me ajudar a colher a cana nos campos dos homens e ele veio somente duas noites mais tarde, porque ficou rugindo nas noites de luar e dançando em frente às casas da aldeia.

- Era o tempo das Falas Novas - explicou Bagueera. Deixe de ficar de mau humor e deita para dormir um pouco.

Mowgli encostou a cabeça no dorso da pantera e, cansado, dormiu.

Na Jângal as estações do ano se sucedem sem grandes transições, mas a primavera é maravilhosa; nenhuma se compara com a indiana, até naquele ano, era Mowgli que primeiro descobria o olho da primavera, uma flor pequena. E quem primeiro juntava sua voz às vozes de todos os animais em canto à primavera. Mas nesta estação, algo em Mowgli estava mudando. Quando esta manhã chegou Mor - o pavão - Mowgli quis cumprimentá-lo, mas as palavras embaraçaram na sua boca e ele sentiu uma tremenda infelicidade.

Ouvia-se movimento em toda a floresta, mas Mowgli ficou onde estava, cheio de um estranho sentimento de infelicidade. Não entendia o que estava acontecendo com ele, não estava com fome, com sede, mas ora sentia frio, ora calor. Ha! Pensou: "É tempo de dar carreira. Cruzarei as montanhas até os pantanais do norte, ida e volta. Os quatro irmãozinhos irão comigo porque todos precisamos de exercícios e boa caçada".

Chamou os irmãos, mas não recebeu nenhuma resposta. Todos estavam fora do alcance de sua voz. Não havia ninguém por perto; todos estavam ocupados consigo próprios. Mowgli, embora por dentro soubesse que não tinha razão, ficou furioso - só porque o olho da primavera abriu e o Mor exibiu-se na dança da estação, é época em que toda a Jângal mostra e se lança como Tabaqui.

- Pelo touro que me comprou, sou ou não sou o Senhor da Jângal?
Mas o silêncio continuava.

Por perto viu dois lobos novos que procuravam um lugar para lutar. Mowgli jogou cada um para um lado, certo que os dois não mais brigariam. Mas Mowgli esquecia-se da primavera. Os lobos se encontraram mais adiante e se engalfinharam. "Devem ter comido veneno", pensou. Desde o tempo em que rompeu o Conselho da Alcatéia com uma flor vermelha, desde que matou Sheri-Khan, nenhum lobo da alcatéia lhe desobedeceu e estes dois pequenos nascidos ontem, o fizeram. Mowgli, pálido, ficou olhando a luta dos dois lobos até que um fugiu vencido.

Mowgli continuou sua corrida através da Jângal, caminhando pelo solo ou pulando de árvore em árvore até chegar bem longe da Jângal, perto dos pantanais. Esta corrida para ele não era nada difícil, visto os seus muitos anos de treinamento. Apesar deste exercício, Mowgli se sentiu cada vez pior e resolveu voltar para a Jângal, para morrer na Roca do Conselho.

Mas de repente se lembrou das estranhas palavras ditas por Akelá antes de morrer... Não! Não! Não sou homem, não. Sou da Jângal.

De longe apareceu o búfalo selvagem Mysa e com desprezo respondeu a uma búfala:

- Não é homem não, é sim o lobo pelado da alcatéia de Seonee. Em noites como esta costuma errar pela Jângal.

Mysa perguntou se Mowgli estava em perigo. Mas este em resposta cutucou-lhe com a ponta da faca, para ver se ainda tinha poder para enfurecer o animal.

- Não fique bravo Mysa, com esse pequeno arranhão. Podes tu me indicar onde há um antro de homens por aqui perto? Desconheço esta Jângal.

- Segue para o norte! - rugiu colérico o búfalo. Vai para lá e conta aos da tua aldeia tua má ação junto a essa búfala.

Mowgli deixou Mysa e sua companheira pela beirada do pântano, quando voltou para a alcatéia de Seeonee.

Muito tempo se passara que Mowgli não via a alcatéia dos homens mas, esta noite, algo o empurrava e o atraía nesta direção, mesmo lembrando-se que fora expulso da aldeia por Buldeo. Chegando-se à porta de uma cabana, viu uma mulher botando uma criança para dormir falando com ela bem baixinho.

- Esta voz, esta voz... eu a conheço. E para certificar-se, chamou baixinho: "Messua, Messua!"

- Quem me chama? - indagou a mulher.

- Já se esqueceste de mim? - perguntou com a garganta curada.

- Nathoo! - respondeu ela, pois todos sabem, foi esse o nome que Messua lhe dera quando o encontrou pela primeira vez.

- Vem meu filho! - a mulher o chamou. E Mowgli veio e pôs os olhos naquela que tinha sido boa para ele e que ele salvaria da raiva dos da aldeia. Era ela mesma, bem mais velha. E ela também se espantou vendo este homem feito, alto, forte e belo que era seu filho!

- Tu é meu filho, porém pareces mais um deus da Jângal. Que queres comer ou beber? Tudo aqui é teu. A ti devemos a vida.

Aí Messua contou a ele sua vida, desde que foram expulsos daquela aldeia, até que vieram para esse lugar. Encontraram esta casa e trabalharam no campo para terem o que comer. O marido dela morreu há um ano e ela ficou com uma criança de duas chuvas. Messua pediu que Mowgli fosse Nathoo que o tigre raptara que ele recebesse aquela criança como irmão e que lhe desse a bênção de irmão mais velho.

- Eu? Que sei eu disso que chamas bênção? Não sou nem deus nem seu irmão... mãe, mãe, meu coração está pesado dentro de mim.

- É febre, disse Messua. Deu-lhe leite quente para beber e ao mesmo tempo batia-lhe carinhosamente no ombro como se fosse uma criança, conseguindo acalmá-lo. O leite quente fez efeito no organismo cansado de Mowgli que, deitando-se, instantes depois adormeceu, mergulhado num sono profundo. Dormiu ele à moda da Jângal toda a noite e todo o dia

seguinte.

Quando finalmente despertou, Messua pôs diante dele a refeição - o necessário para lhe escorar até a hora da caça noturna.

De repente ouviu do lado de fora um som conhecido e uma pata introduziu por baixo da porta.

- Espera, Irmão Gris! Tu não me ouviste quando te chamei, espera agora.

Messua pediu que ele não trouxesse seus companheiros da selva. Mowgli assegurou que nada a ameaçava por parte da Jângal, porque ela e os dela estavam sob sua proteção. Despediu-se dizendo que agora precisava ir embora para terminar sua corrida da primavera. Messua abraçou-o pedindo que voltasse de novo para vê-la e ao irmãozinho. E Mowgli, com a garganta apertada, prometeu voltar.

Quando finalmente saiu da cabana, perguntou ao Irmão Gris por que ele nem os outros lobos responderam ao seu chamado. Mas Gris lembrou-lhe que eles estavam todos na Jângal, porque o tempo das Falas Novas havia chegado, mas logo que acabaram ele seguiu o rastro de Mowgli até a alcatéia dos homens.

- E agora que farás tu? perguntou Irmão Gris.

- Não sei, disse Mowgli, vocês me deixaram, não vieram quando chamei...

- Mas nós te seguimos sempre, exceto no tempo de Falas Novas! Não te seguimos quando os de Seeonee te expulsaram do Bando?

- Mas seguirás, sempre, sempre, nunca me abandonarás Lobo Gris?

O Lobo Gris ficou pensativo e disse para si - O Lobo Negro tinha razão quando falou que o homem volta sempre para o homem, também nossa mãe Raksha tinha dito o mesmo, e Akelá na noite do ataque dos dohles e também Kaa, a serpente, que possui mais sabedoria que todos.

- E tu, Irmão Gris, que dizes tu?

- Eles já te expulsaram com feios insultos e pedradas. Mandaram Buldeo matar-te. Queriam lançar-te na Flor Vermelha... Filhote de homem, Senhor da Jângal, Filho de Raksha, meu irmão de caverna; embora eu fraqueje nas primaveras, o teu caminho é o meu caminho, o teu antro é o meu antro, a tua caça é a minha caça, a tua luta de morte será minha luta de morte. Falo por mim e pelos outros três, mas que irás dizer a Jângal?

- Bem pensado. Vai, reúne o Conselho na Roca, quero dizer a todos

o que tenho no estômago. Mas talvez não compareçam: no tempo das Falas Novas todos se esquecem de mim...

O Lobo Gris corria de um lado para o outro gritando: "O Senhor da Jângal volta para os homens". E os animais respondiam: "Ele retornará no calor do verão e quando vierem as chuvas. Vem cantar conosco irmão Gris.

Deste modo, quando Mowgli chegou a Roca do Conselho, encontrou apenas os quatro Irmãos Lobos, Baloo já estava cego e velho e a Kaa enrolada sobre a lage de Akelá.

- Termina aqui teu caminho, homenzinho? - perguntou a serpente. Grita o teu grito! Somos do mesmo sangue tu e eu.

Mas Mowgli triste, gemendo baixinho disse:

- Não foi o veneno, não. Mas sinto os passos atrás de mim. Não me refresco com o banho, caçar me enfada. A Flor Vermelha está ardendo no meu sangue. Não sei o que fazer, não sei...

Para que falar tudo isso? - disse Baloo. Tudo isso já era previsto há muito tempo. Akelá disse perto do rio que Mowgli para a alcatéia dos homens voltará, para lá que é teu lugar.

- Então a Jângal me expulsa? - perguntou Mowgli.

- Eu ensinei-lhe a Lei, respondeu Baloo. A mim cabe falar e, embora meus olhos não vejam a pedra que está perto, enxergam tudo quanto está longe. Râzinha, toma o teu trilho, faze teu ninho com esposa do teu próprio sangue e da tua própria raça; mas quando necessitares pata, dente ou olho, lembra-te, Senhor da Jângal, que toda a Jângal acudirá ao teu apelo.

- Hai-mai, Irmãos! - soluçou Mowgli. Eu não sei o que sei. Não quero ir, mas sinto-me arrastado por ambos os pés. Como poderei deixar de viver na Jângal?

- A vida é isso, irmãozinho! - disse Baloo - Quando o mel está comido abandonamos o favo.

- E quando soltamos a pele velha, não podemos vesti-la de novo - ajuntou Kaa. É a Lei.

- Ouve, querido de todos nós - disse Baloo. Não há palavras nem querer aqui que te detenha entre nós. Ergue os olhos e siga o teu caminho. Hoje não é filhote de homem que pede licença, mas o Senhor da Jângal que resolve mudar seu caminho. Quem pedirá contas ao homem do que ele quer ou faz?

- Bagueera e o touro que me comprou? - respondeu Mowgli. Eu já...

Ouviu-se um rumor nas moitas próximas e lépida, forte e terrível, aproximou-se Bagueera, chegou-se perto, lambeu-lhe os pés e disse:

- Matei o touro que vai te libertar. Todas as dívidas ficam assim pagas. Boas caçadas em teu novo caminho Senhor da Jângal. Lembra-se sempre que Bagueera te ama.

- Tu a ouviste, irmãozinho. Nada mais há a dizer. Vai agora. Siga o seu caminho, filhote de homem, que há muito já foi traçado.

